

ANÁLISE DO ESPAÇO URBANO: POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA EM COARI E TEFÉ – AMAZONAS

Analysis of urban space: population in street situation in Coari and Tefé – Amazon

Débora de Freitas Pinto de Lima

Graduada em Ciências Sociais (Bacharelado) pela Universidade Federal do Amazonas e pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas das Cidades na Amazônia Brasileira – NEPECAB.
deboradefreitaslima@live.com

Paola Verri de Santana

Doutora em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (2006). Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal do Amazonas, atua na Pós-Graduação de Geografia e no Núcleo de Estudos e Pesquisas das Cidades na Amazônia Brasileira – NEPECAB.
pvsantana@yahoo.com.br

Nágila dos Santos Situba

Doutoranda em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade Federal Fluminense e pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas das Cidades na Amazônia Brasileira – NEPECAB.
nagilasituba@hotmail.com

RESUMO: Esta pesquisa teve por objetivo analisar a presença/ausência de população em situação de rua nas cidades de Coari e Tefé – Amazonas na perspectiva dos espaços públicos e das políticas públicas. Neste contexto, no território brasileiro há os chamados moradores de ruas, mas cada um encontra-se em situação e lugares diferentes. Esse grupo de pessoas parece excluído no meio social e na maioria das vezes são tidos como indigentes, mendigos, drogados, trombadinhas, enfim, não são bem vistos por outra parte da população. Desse modo, parece haver nas grandes cidades sujeitos discriminados e sob controle, ou mesmo impedidos, de entrar e/ou frequentar certos lugares como lojas, restaurantes, transporte público, unidade de saúde, órgãos públicos e entre outros. A pergunta seria no intuito de saber em que medida haveria pessoas e espaços com semelhantes características em cidades do interior amazonense. Para tanto, o método utilizado nesta pesquisa foi o comparativo e a metodologia foi a revisão bibliográfica e o trabalho de campo partindo de observação direta e indireta nos espaços públicos. Os resultados da pesquisa mostraram que é possível encontrar uma população com semelhantes características em praças, esquinas de ruas, locais abandonados que muitas vezes acabam virando moradias improvisadas nas cidades de Coari e Tefé.

Palavras-chave: Cidades, Espaço público, população em situação de rua.

ABSTRACT: This research proposes to analyze the presence / absence of population with street situation in the cities of Coari and Tefé - Amazon from the perspective of public spaces and public policies. In this context, in the Brazilian territory there are the so-called street dwellers, but each one is in different situations and places. This group of people seems excluded in the social environment and most of the time they are considered indigent, beggars, drug addicts, thrashers, in short, are not well seen by another part of the population. In this way, there seems to be in the large cities discriminated and under control, or even prevented, from entering and / or attending certain places such as shops, restaurants, public transport, health unit, public agencies and others. The question is about the possibility of small cities to have such population. For this, the method used in this research was the comparative one and the methodology was the bibliographical review and field work research starting

from direct and indirect observation in the mentioned cities. The results of the survey showed that it is possible to find a population with similar characteristics in squares, street corners, abandoned sites that often end up becoming makeshift dwellings in the cities of Coari and Tefé.

Keywords: Cities, Public space, population population with street situation.

INTRODUÇÃO

A existência do grupo conhecido na linguagem popular por “morador de rua” tem estado presente no meio da sociedade. Apesar da população em situação de rua ser considerada parte da sociedade, às vezes são classificados como excluídos, marginais e invisíveis, isso porque parte deles acabam migrando para as praças, becos, esquinas de ruas, sarjetas, etc

Neste contexto, a identificação de uma população em situação de rua em cidades como Coari e Tefé se desdobra na necessidade de entender os processos de exclusão social. Sendo assim, o sistema capitalista pode contextualizar a geração desse pequeno grupo, que circula pelos espaços das cidades.

Outros fatores poderiam ser discutidos se essa população fosse indagada se teria vindo de municípios vizinhos em busca de algo melhor como um emprego, ou se teria vivido conflito com a família/parentes e pudesse buscar outro local para morar. Se as histórias de vida de cada indivíduo fossem investigadas, provavelmente haveria problemas como o vício, a decepção amorosa, o desemprego, a velhice desassistida, perda de renda ou da moradia.

O fato é que é possível encontrar essa população em praças, esquinas de ruas, calçadas, terrenos baldios, entre outros locais, uns considerados abandonados e acabam virando moradias tidas como invasão. Essa população não possui nenhum vínculo de renda do governo, sua única renda é o que conseguem com esmolas e atividades que fazem no trânsito em condições insalubres. De todo modo, a imagem de gente morando embaixo de viadutos está associada às grandes metrópoles, mas qual seria a existência de uma dada população em situação de rua em pequenas ou médias cidades do interior amazonense?

Esta pesquisa teve como finalidade analisar a presença/ausência do que se convencionou chamar de população em situação de rua nas cidades de Coari e Tefé – Amazonas. Neste sentido, o foco deste estudo é a área urbana das duas cidades e o objeto de estudo é a relação destas pessoas em situação de rua com os respectivos espaços públicos. Para tanto, a pesquisa se enfatizou na observação direta e indireta no modo como duas praças do centro destas cidades são ocupadas ao longo do dia. Para Ana Fani Alessandri Carlos (2014) os espaços públicos são considerados locais de encontro e desencontro, neles há produção e reprodução da vida na cidade. Por isso é necessário pensar o espaço urbano como uma maneira de materializar esse espaço político na sociedade moderna (ABRAHÃO, 2008). Neste sentido, visando o aprofundamento de estudos relacionados aos problemas urbanos, esta investigação sobre população em situação de rua representa a sistematização teórica e empírica.

MATERIAIS E MÉTODOS

Os municípios de Coari e Tefé localizam-se no Médio Solimões, no interior do estado do Amazonas, região Norte do Brasil. Coari possui 83.929 habitantes, com uma densidade demográfica de 1.31 habitantes por quilômetro quadrado, estando 49.651 na sede do município, quer dizer, na cidade. Tefé têm 62.230 habitantes e uma densidade demográfica de 2.59 habitantes por quilômetro quadrado e 50.069 na cidade (IBGE, 2010 e 2016). O mapa abaixo (fig. 1) localiza ambas as cidades estudadas.

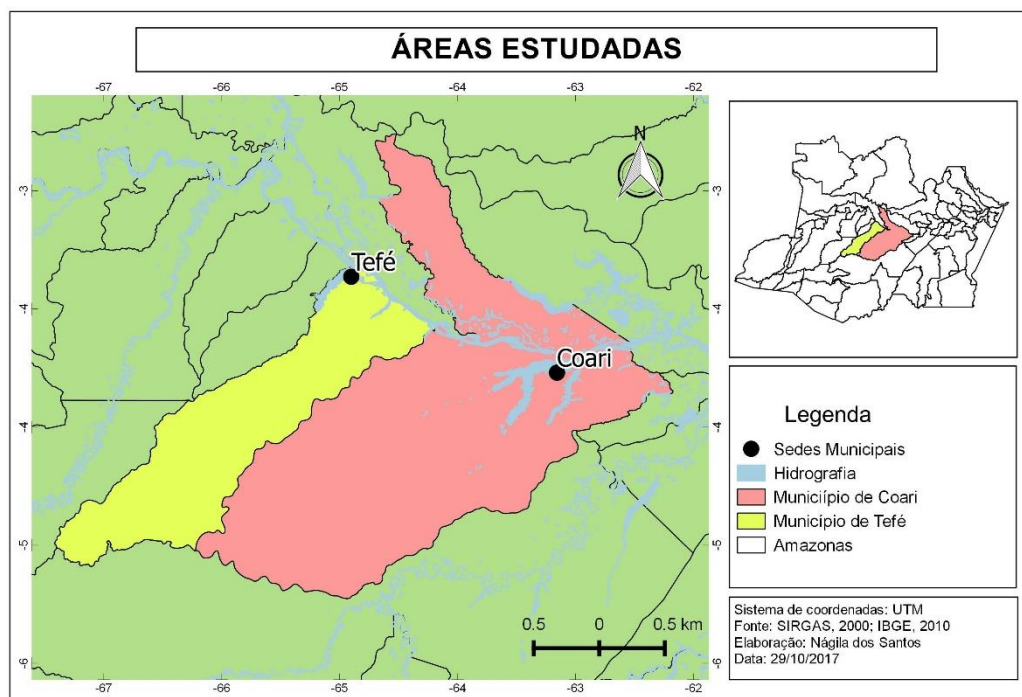


Figura 1: Localização das cidades estudadas
Fonte: IBGE, 2010

Este mapa apresenta os municípios de Coari e Tefé e suas respectivas sedes municipais. É na área urbana que está sendo considerada a existência de população em situação de rua e é nos espaços públicos da cidade que estes agentes produtores do espaço vão transitar e viver.

Com isto, na abordagem do método comparativo, observou-se essa população em situação de rua, fazendo a relação entre os municípios de Coari e Tefé a partir de observação de praças centrais das respectivas cidades. Para análise deste objeto realizou-se pesquisa de campo (2016) nas referidas cidades, mediante coleta de dados nos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS) e nos Centros Especializados de Assistência Social (CREAS); e observação nas praças Getúlio Vargas (Coari) e Túlio Azevedo (Tefé).

As observações nas praças se deram durante 48 horas (manhã, tarde e noite), tendo alguns intervalos para as refeições e a circulação no espaço público em estudo. Neste momento de observação, descreveu-se tudo que acontecia na praça Túlio Azevedo (Tefé) e Getúlio Vargas (Coari). A partir disto, foi possível quantificar e descrever a presença/ausência de pessoas em situação de rua.

Vale ressaltar que para fazer essas observações, optou-se pela hospedagem em hotéis que ficavam frente a essas praças. Esta estratégia facilitou o processo de observação e garantiu a segurança da equipe.

Para ter uma dimensão das diferenças geográficas entre cada uma das cidades, foi importante descrever os sujeitos que apareciam na praça a cada momento e a circulação de pessoas. Os desafios foram criar instrumentos metodológicos que propusesse analisar a presença e/ou a ausência de pessoas em situações de rua, uma vez que a intenção não era identificar a identidade dos sujeitos.

A RELAÇÃO ENTRE ESPAÇO PÚBLICO E POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

A discussão sobre o espaço público requer alguns elementos que o compõe: ruas, calçadas, praças entre outros. Esse meio é frequentado por diferentes pessoas e de diversas maneiras. Desta forma, não deixando de lado grupos estigmatizados como drogados, mendigos, prostitutas, a população em situação de rua pode ser confundida por aqueles. O espaço público é também disputado, entre comerciantes, pessoas transitando, guardas municipais, agentes reguladores em meio à população em situação de rua.

Segundo Eduardo Pinheiro Conte, as calçadas têm por fim, ser um bem público para o uso comum do povo. Pensar o limite entre o espaço da moradia e os espaços públicos como praças e calçadas implica considerar a existência como objetivo de assegurar a passagem e a circulação livre de pedestres, por exemplo. Isso inclui diversos tipos de pessoas, com idades e condições sociais distintas (2014, p. 5). Para Francisco Cunha e Luiz Helvécio (2013) a calçada é o primeiro degrau para a cidadania. É a partir das calçadas que as pessoas vão viver a cidade e utilizar os demais equipamentos urbanos.

Além das calçadas, as ruas se apresentam como espaço e logradouro público importantes para o tráfego de pessoas nas cidades, além disso, pode ser morada do coletivo como aponta Walter Benjamin.

As ruas são morada do coletivo. O coletivo é um ser eternamente inquieto, eternamente agitado que vivencia, experimenta, conhece e inventa tantas coisas entre as fachadas dos prédios quanto os indivíduos no abrigo de suas quatro paredes (Benjamin, 2007, p. 468).

Conforme Benevolo (2005), os pontos públicos da cidade seriam as ruas e as praças, classificando-as como serviço primário, o serviço secundário seria as escolas e hospitais. Por isso, ocorre o planejamento da expansão de praças e ruas, este tem como objetivo espalhar esses espaços desde o centro da cidade aos bairros periféricos. Paulo César Gomes conceitua espaço público como:

[...] o lugar onde os problemas se apresentam, tomam forma, ganham uma dimensão pública e, simultaneamente, são resolvidos. Um dos maiores problemas da nossa sociedade foi o de haver transformado o *público* em passivos espectadores (GOMES, 2010, p. 160-161).

É no espaço público que os problemas urbanos terão visibilidade e é ali que o corpo terá poder de manifestação. “O homem se relaciona com o espaço através do corpo, este é a mediação necessária a partir da qual nos relacionamos com o mundo e com os outros – uma relação com os espaços-tempos definidos no cotidiano” (Carlos, 2014, p. 474). A manifestação e solução dos problemas urbanos tem início na praça e terminam na rua. Neste contexto, vislumbra-se a importância desses espaços para as pessoas no urbano. Paulo César Gomes acrescenta:

Fisicamente, o espaço público é, antes de mais nada, o lugar, praça, rua, *shopping*, praia, qualquer tipo de espaço, onde haja obstáculos à possibilidade de acesso e participação de qualquer tipo de pessoa. [...] Poderíamos dizer que o espaço público é o lugar das indiferenças, ou seja, onde as afinidades sociais, os jogos de prestígios, as diferenças, quaisquer que sejam, devem se submeter às regras da civilidade (GOMES, 2010, p. 162).

As pessoas vão transitar nos espaços e viver a cidade com modos de ver próprios. No caso particular de Tefé e Coari as praças estudadas revelaram a possibilidade de identificação de pessoas em situação de rua.

Uma pessoa em situação de rua se encontra vulnerável a diversos fatores como doenças, assédio, violência e até a morte. Independentemente do estado de cada indivíduo identificado, foram consideradas as condições insalubres dos lugares observados.

Vale ressaltar a existência do decreto nº 7.053 de 23 de dezembro de 2009 que institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Este trabalho adota a definição legal como elemento norteador do universo desta pesquisa.

Para fins deste Decreto, considera-se população em situação de rua o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (BRASIL, 2009).

O que é possível descrever a respeito da existência de uma população em situação de rua em Coari e Tefé limita-se, portanto, às estratégias de observação adotadas. Deste modo, várias perguntas necessárias a uma caracterização minuciosa a respeito da vida das pessoas observadas ficaram em aberto, no caso, sobre a ocupação de praças nos centros de cidades como estas do interior amazonense. Esta pesquisa é considerada um primeiro olhar na possibilidade de registrar a dinâmica do uso destes espaços públicos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA EM COARI

A experiência de campo na vida do pesquisador é algo marcante. Mesmo com todas as técnicas em mãos e toda uma cartografia pré-elaborada, o contato com o local é importante para o sucesso da pesquisa geográfica e antropológica. Primeiro que, nesta pesquisa não se chegou com o método, mas foi-se em busca dele para compreender a realidade (PENA-VEJA, 2013).

Ao chegar em Coari se tem uma imagem diferente do costume se comparada a visão metropolitana condicionada pela capital amazonense. Sem ônibus circulando pelas ruas, a predominância do modal moto e quase não se vê caminhões circulando devido à estrutura de Coari faz da praça central um ponto de forte movimento diário.

O ponto de partida da cidade é a praça Getúlio Vargas, localizada no centro de Coari. Algumas coisas foram realizadas no período da pesquisa de campo: a identificação de pessoas em situação de rua, suas características, diálogo com as pessoas que transitavam pela praça e a ida a unidades que atendem a população como o Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) e Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS). As observações feitas da praça eram persistentes, uma forma de identificar e registrar os horários em que mais havia concentração de gente parada. Um dos fatores que influencia a presença de pessoas em situação de rua na praça de Coari é o que está nas proximidades como a feira, o mercado, as bancas de comida e bares.

A ferramenta da entrevista foi descartada e o objetivo foi apenas observar a praça e fazer a identificação da população em situação de rua. No final da tarde do primeiro dia foi avistado seis pessoas nessa categoria em situação de rua, eles aparentavam ter faixa etária de 25 e 40 anos de idade. É um número relativo, já que a noite e estendendo o início da madrugada esse número costuma ser maior. Após o início da madrugada esse grupo desapareceu e retornou antes do amanhecer, na qual o número volta a reduzir no horário do almoço, provavelmente devido o aumento da temperatura.

A visita ao CRAS, CREAS e Casa de Acolhimento foi muito importante, essas unidades objetivam atender a população em diversas situações de risco e vulnerabilidade social. Entre os diálogos sobre a pesquisa em que estava realizando houve a pergunta: há registro de moradores de rua? Uma das assistentes sociais afirmou que não havia registro no sistema sobre essas pessoas, mas que têm consciência da existência de pessoas em situação de rua que frequentam a praça e fazem o uso delas. Verificou-se que essa população possui casa e até família, mas preferem as praças, devido a diversos fatores como vícios, doenças mentais e até mesmo o desinteresse da família em querer a pessoa no meio familiar.

O Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS, localizado no Centro de Coari é uma unidade que tem como finalidade resgatar o indivíduo e a família quando seus direitos são violados, como agressões contra todos os gêneros e faixas etárias, os trabalhos infantis, os abusos e as explorações sexuais. Coari tem dois Centros de Referências de Assistência Social – CRAS I e II, o primeiro (CRAS I) fica localizado no bairro Urucu e o CRAS II no bairro Chagas Aguiar. Os dois têm o mesmo objetivo e são distribuídos para atender a população em geral. O CRAS tem como finalidade atribuir proteção social básica dentro do território em que se localiza

e tem o papel de prevenir as situações de risco no local em que atua, fortalecendo laços familiares e mantendo a harmonia e o equilíbrio da sociedade.

A equipe do CRAS trabalha com campanhas contra a violência doméstica, trabalho infantil, violência contra o idoso, abuso e exploração sexual e outros. Esta unidade pública está vinculada ao serviço de Proteção e Atendimento Integral a Famílias – PAIF, serviço que atende a família e indivíduos com vulnerabilidade social. O CRAS e outros serviços atendem a essas famílias e indivíduos, na qual são beneficiados pelos programas que são ofertados pelo Governo Federal, como por exemplo, o Bolsa Família. “O Bolsa Família deve atender a famílias cuja renda familiar per capita seja inferior a R\$ 60 mensais e famílias de gestantes, nutrizes, crianças e adolescentes de até 15 anos cuja renda per capita seja inferior a R\$ 120 (valores de outubro de 2006) (MEDEIROS, BRITO E SOARES, 2007, p. 6).

A população identificada em situação de rua variava de seis à doze pessoas, na qual aparentavam ter aproximadamente entre 35 e 40 anos. Dentro desse grupo havia a presença de pessoas idosas. Supõe-se que devido à alta temperatura, essa população tenha desaparecido no horário do almoço tendo retornado à praça depois de algumas horas. Da sacada do hotel não foram avistadas pessoas na praça na madrugada, supostamente retornavam para as residências para trocar de roupa ou dormir, mas se considerou a possibilidade de estarem abrigadas nas proximidades, uma vez que um foi visto deitado a noite na calçada ao lado da entrada do referido hotel. Pela manhã há comercialização de roupas usadas (brechó) e há uma grande concentração de pessoas na praça.

A praça é um espaço de disputa e moradia. Em Coari a praça (fig. 2) é ocupada de diversas maneiras e situações, inclusive o comércio de brechó. As pessoas procuram através do comércio informal sustentar a família. Coari é conhecida pelas pessoas de outros lugares do Amazonas, do Brasil e até estrangeiros. Em parte, isso decorre das atividades petrolíferas, caso da construção do gasoduto sai do Urucu em direção a Manaus. Os investimentos no gás natural devem ter atraído gente para a cidade, mas isso não garante erradicação da pobreza tão pouco de problemas sociais diversos.



Figura 2: Praça Getúlio Vargas - Bairro Centro (antiga Praça do Cristo). Vista do Cristo ao lado esquerdo. Local onde pode-se identificar algumas pessoas em situação de rua. É nesta praça que essa população costuma frequentar. Fonte: Débora Lima (2016). Organização: Nágila Situba.

A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA EM TEFÉ

Nem todo o campo é igual a outro. Mesmo com todo o preparo e o uso das mesmas técnicas do campo anterior, um campo é diferente do outro, a dinâmica, as pessoas, a temperatura, o funcionamento, a infraestrutura urbana.

O campo realizado em Tefé, iniciou-se com as visitas aos CRAS, CREAS, Casas de Acolhimento e Conselho Tutelar e por fim, se acomodando para o mais difícil: a observação. A visita nas unidades públicas ocorreu da mesma maneira que no campo anterior, porém não houve registro de moradores de rua, mas a consciência prevalecia sobre a existência de população em situação de rua, mas que uns anos atrás eram bem visíveis nas praças e ruas.

O abrigo em Tefé funciona há 3 anos. Em uma fala da assistente social, menciona que *“várias vezes, quando estava em casa descansando, fui acionada para atender um caso de negligência”*. Perguntou-se sobre o mantimento da casa, a alimentação, medicamentos, disseram que no início a prefeitura sustentava a casa e que depois de dois anos o projeto tinha que seguir com autonomia, pois a prefeitura não era responsável por manter o abrigo por muito tempo. O projeto era lançado e depois os funcionários do local continuavam com o trabalho. Hoje a prefeitura mantém apenas o aluguel da casa, comida e limpeza, mas as roupas, brinquedos, remédios, médicos é por doações, onde os militares têm uma forte participação na ajuda.

Perguntou-se também se o abrigo acolhia idoso, e as informações obtidas foi que houve um caso, logo no início da abertura da casa de acolhimento, porém o idoso não se encontra mais no abrigo. A psicóloga também mencionou que de 2015 até 2017, o número de crianças abusadas e violentadas diminuiu devido às campanhas educativas, porém a violência em mulheres e idosos aumentou. A assistente social mencionou que *“fala-se tanto da proteção da criança e do adolescente que se esquecem da assistência da mulher e do idoso”*. Ao final da conversa os responsáveis pelo abrigo argumentaram que estão com projeto que será culminado em breve, na qual será inaugurado uma casa para acolhimento aos idosos.

Em Tefé, o ponto de observação se concentrou na praça Túlio Azevedo, que se localiza no Bairro Centro, ao lado do centro comercial. Nesta praça, há presença de guardas municipais e acontece a apresentação de peças teatrais organizadas pelas igrejas. A permanência de guardas municipais era forte e o acesso à praça no

centro de Tefé era constante. Não era comum ver pessoas utilizando os bancos das praças para deitar, a presença militar não permitia manter a “ordem” do local.

A pureza é uma visão das coisas colocadas em lugares diferentes do que elas ocupariam, se não fossem levadas a se mudar para outro, impulsionadas, arrastadas ou incitadas; e é uma visão da ordem – isto é, de uma situação em que cada coisa se acha em seu justo lugar e em nenhum outro (Bauman, 1998, p. 14).

Para um pesquisador é importante o surgimento de um elemento chave quando se trata de uma pesquisa comparativa. A persistência prevaleceu e permaneceu-se observando com o caderno de campo e registrando a dinâmica da praça e a descrevendo as pessoas que circulavam. A observação da praça era constante, em todos os horários possíveis, inclusive no horário da madrugada.

Durante o tempo em Tefé (fig. 3) foi possível identificar dois senhores que aparentavam estar em situação de rua. Estes foram vistos no final da tarde de sexta-feira do dia 09 de setembro e desde então não foram mais vistos.



Figura 3. Imagem da Praça Túlio Azevedo (no centro da praça um cloreto). Foi difícil a identificação de pessoas em situação de rua. Dos que foram identificados costumavam dormir no coreto com a intenção de se protegerem do sol ou da chuva. Fonte: Debora Lima (2016). Organização: Nágila Situba.

CONCLUSÃO

Nem todos os que estão na rua realmente pertencem à rua. Existem várias pessoas dentro do grupo estigmatizado como marginais, doentes mentais, viciados, alcoólatras, mendigos e pessoas em situação de rua. Dentro da categoria “situação de rua”, os grupos têm concentração localizada nas praças, nas calçadas e nas esquinas. Estão nas praças e as ocupam por terem uma noção de que em algum momento há um poder de pertencimento.

No caso de Coari e Tefé, segundo a Secretaria de Assistência Social, não há registro de moradores rua (daí vem o termo situação de rua), mas que reconhece que há um grupo de pessoas inserido dentro da categoria de situação de rua. Há um lado da assistência social em ajudar esse grupo, de ajudar com ações sociais e/ou de tirá-los dali. O ato não se reduz a solidariedade. Há o outro lado, que são os guardas municipais que retiram e estabelecem normas de que não pode dormir na praça.

Vislumbra-se que uns podem viver em abrigos e outros vivem na rua e em situações críticas chegando a passar necessidade como o frio, a fome, a sede e a nudez. Alguns podem possuir documentos na mão, outros podem não apresentar nenhum tipo de documento.

Para a população em situação de rua, tem duas discussões, de um lado das políticas públicas e o outro dos guardas municipais. O primeiro que vem com o objetivo de amparar essa população; o segundo tenta organizar a “imagem” das praças e calçadas e necessariamente acaba expulsando essa população em situação de rua desses espaços públicos.

Estudar as praças centrais para identificar a população em situação de rua tanto em Coari quanto em Tefé foi uma escolha metodológica, assim como foi pelo fato da praça ser um espaço público de fácil acesso a alimentação e o consumo de bebidas alcoólicas e outros entorpecentes. Coari possui um espaço ocupado por esse grupo e que não possui a pressão dos guardas municipais. Para as pessoas que circulam nesse espaço é de senso comum a presença deles e já não se incomodam por usarem o espaço e até deitar nos bancos ou calçadas. No caso de Tefé, a difícil presença dessa população deve-se provavelmente a presença dos guardas municipais, tendo como normas de que não é permitido o uso das praças para deitar. É um meio público de transição, ordem e lazer, além da forte presença da dinâmica comercial que a praça possui.

Pensar que Coari poderia ser uma cidade modelo devido às rendas do petróleo é enveredar em questões de extrema complexidade social, política e econômica. A cidade parece não possuir uma ordem na dinâmica comercial e atendimento para essa população em situação de rua, pelo fato de que o município não possui (não mais) uma casa de abrigo para idosos. Diferente de Coari que tem influência das rendas do petróleo, Tefé possui plano aprovado e casa de abrigos para idosos e que já possuíam essa estatística na lista (a casa foi inaugurada no ano de 2016). Essas casas têm um papel fundamental para evitar o conflito social, mesmo que isso ainda seja presente na sociedade. Por isso, a presença da assistência social é importante para o funcionamento da política social dentro desses grupos em que se encontra em estado de risco e vulnerabilidade.

Bauman (1998) afirma que esta população poderia ser confundida como uma sujeira urbana tem sua definição a ideia de desordem, em que tem a sua característica de

acordo com o cenário em que se encontra. Nesse caso, a população em situação de rua deve ser amparada pelo Estado e em outro cenário haveria a exclusão do grupo pelos guardas municipais.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Sérgio Luís. **Espaço público: do urbano ao político**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2008. 196p.

ARANTES, Antônio Augusto. **A guerra dos lugares**. In: FORTUNA, Carlos (org.). *Cidade, cultura e globalização*. Oeiras (Portugal), Celta Editora, 1997. 259-270 p.

BAUMAN, Zygmunt, 1925 – **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BENEVOLO, Leonardo. **História da cidade**. São Paulo, Perspectiva, 2005. 573-728p.

BENJAMIN, Walter. **O flâneur**. In: BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Bel Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa oficial do estado de São Paulo, 2007. 461-498p.

BENTES, Anna Christina; LEITE, Marli Quadros (orgs). **Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010. 160p.

BRASIL, Presidência da República. *Decreto nº7.053* de 23 de dezembro de 2009.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O poder do corpo no espaço público: o urbano como privação e o direito à cidade**. *GEOSP – Espaço e Tempo São Paulo* v. 18 n. 2, 2014. Disponível: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:OxNSmoM2cgUJ:www.revistas.usp.br/geosp/article/download/89588/92873+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso: <30 de Novembro de 2016>.

CONTE, Eduardo Pinheiro. **As calçadas públicas urbanas e a responsabilidade quanto à sua construção e conservação**. Monografia, 2014. 5p. Disponível: <https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/660/1/2014EduardoPinheiroConte.pdf>. Acesso: <18 de Novembro de 2017>.

COSTA, Ana Paula Motta. **População em Situação de Rua: Contextualização e Caracterização**. Ana Paula Motta Costa. *Revista Virtual Textos & Contextos*, nº 4, 2005.

CUNHA, Francisco; HELVECIO, Luiz. **Calçada: O primeiro degrau para a cidadania**. Editora: Recife, 2013. 64p. Disponível: <http://www.mobilize.org.br/midias/pesquisas/livro-calcada-o-1o-degrau-da-cidadania-urbana.pdf>. Acesso: < 20 de Agosto de 2016>.

FERNANDES, Juliana. **SUAS e População em Situação de Rua**. Disponível: http://www.desenvolvimentosocial.pr.gov.br/arquivos/File/Capacitacao/material_apoi_o/julianafernandes.pdf. Acesso: < 21 de Julho de 2017>.

GIBBS, C. C. M.; Silva, Leiliane Amazonas. **População em situação de rua e políticas públicas: os limites à efetivação dos direitos na cidade de Manaus**. In: VII Jornada Intercional de Políticas Públicas: para além da crise global: experiências e antecipações concretas, 2015, São Luis-MA. VII Jornada Intercional de Políticas Públicas: para além da crise global: experiências e antecipações concretas, 2015. 1-12p.

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. 3º ed – Rio de Janeiro: Bertrand, 2010. 306p.

GONDIM, Linda M. P.; LIMA, Jacob Carlos. **A pesquisa como artesanato intelectual: considerações sobre método e bom senso**. São Carlos: EdUFSCar, 2006. 88p.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=130120> Acesso 20 de maio de 2017.

IBGE. Disponível: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=130420> Acesso <20 de maio de 2017>.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. 156p.

MEDEIROS, Marcelo; Britto, Tatiana; Soares, Fábio. **Transferência de renda no Brasil**. *Novos Estudos* CEBRAP (Impresso), 2007. 5-21p.

PENA-VEGA, Alfredo. **O despertar ecológico: Edgar Morin e a ecologia complexa**. Tradução: Renato Carvalheira do Nascimento e Elimar Pinheiro do Nascimento. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

SANTOS, Milton. **A Urbanização desigual: A Especificidade do Fenômeno Urbano em Países Subdesenvolvidos**. Petrópolis: Vozes, 1980. 128p.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6ª ed., São Paulo: Record, 2001.

SILVA, Maria Lucia Lopes da. **Trabalho e População em Situação de Rua no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2009.

SMITH, Neil. **Contornos de uma política especializada: veículos dos sem-teto e produção de escala geográfica**. ARANTES, Antonio A. (org.) O espaço da diferença. Campinas: Papyrus, 2000. 132-159p.

VICE, Da. Disponível: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/06/1782290-por-que-as-pessoas-em-situacao-de-rua-em-sp-nao-querem-ir-para-os-abrigos.shtml?cmpid=facefolha> Acesso: <23 de abril de 2017>.

VILAÇA, Arliene Auxiliadora do Nascimento Bezerra. **Habitação e Ação Pública na Contemporaneidade**: Um Estudo de Caso na Área Central de Manaus. São Paulo, 2012.

Recebido em 01/11/2017
Aceito em 02/04/2018